



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

MARCELLA MENDES CUSTÓDIO DE LIMA

**UM JOVEM PROTAGONISTA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO POÉTICA,
CULTURAL E EDUCACIONAL DO *POETRY SLAM* COMO PRÁTICA LITERÁRIA**

JOÃO PESSOA
2023

MARCELLA MENDES CUSTÓDIO DE LIMA

**UM JOVEM PROTAGONISTA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO POÉTICA,
CULTURAL E EDUCACIONAL DO *POETRY SLAM* COMO PRÁTICA LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732j Lima, Marcella Mendes Custodio de.

Um jovem protagonista: uma análise da construção poética, cultural e educacional do Poetry Slam como prática literária / Marcella Mendes Custodio de Lima. - João Pessoa, 2023.
48 f.

Orientador: Daniela Maria Segabinazi.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2023.

1. Poetry Slam. 2. Literatura Juvenil. 3. Prática docente. 4. Ensino de Literatura. I. Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-1:028.5

MARCELLA MENDES CUSTÓDIO DE LIMA

**UM JOVEM PROTAGONISTA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO POÉTICA,
CULTURAL E EDUCACIONAL DO *POETRY SLAM* COMO PRÁTICA LITERÁRIA**

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi – Doutorado – UFPB

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Alyere Silva de Farias – Doutorado – UFPB

Examinadora

Prof. Dr. Valnikson Viana de Oliveira – Doutorado – UFPB

Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, meu Deus, por ser o meu refúgio e a minha força em todos os meus processos, pelo amor e pela imerecida graça que cercam todos os meus dias.

Aos meus pais amados. Minha mãe, Simone Mendes, que se dispôs a estar comigo e tanto consolou os meus dias ruins, a qual foi o meu combustível de incentivo diário e sonhou junto a mim. Meu pai, Marcelo Custódio, que confiou em mim e emanou bons sentimentos e pensamentos para a minha caminhada.

Aos meus familiares que desejaram o meu sucesso e acreditaram no meu potencial para cumprir esta jornada.

Aos meus bons amigos de vida que também acreditaram no cumprimento deste ciclo. Em especial, à Cíntia Oliveira, Maria Isabel, Tainá Farias, Rebeca Limongi e Karoline Kimbelly, que foram minhas companheiras na graduação e assim serão na profissão, as quais traçaram comigo esse percurso e dividiram os risos e as angústias.

À minha orientadora, Daniela Segabinazi, por ter exercido tão bem esse papel e ser uma grande influência literária, em prática e em ensino. Por todo empenho, tempo e disposição dedicados a mim e a este trabalho.

À minha banca examinadora, Alyere Farias e Valnikson Viana, que são referências de formadores, pelo aceite disposto e carinhoso.

Aos meus avós, Antônio Mendes e Maria da Guia, que não estão fisicamente entre nós, mas permaneceram e permanecerão influenciando a minha história.

À minha tia Siana, que também foi mãe e amiga, por ter auxiliado a minha formação pessoal e cultivado em mim boas sementes.

Àquela Marcella que, em algum momento importante de 2019, começou a acreditar que era capaz.

*“A gente segue sonhando / segue gritando poesia
/ porque a gente transforma / se transformando /
A gente transforma / se transformando / Não é à
toa / e na boa / quem é do mar não enjoa / chuva
fininha é garoa.”*

Fernaun - *Slam* da Guilhermina

RESUMO

Nasce um movimento de vozes reprimidas: o microfone é a espada, a poesia é o escudo e a voz é a insatisfação que abre a revolução da sua autonomia – da Literatura à vida. Esta pesquisa dedica-se à reflexão do *Poetry Slam* como parte da prática de leitura literária juvenil, ante a justificativa de reafirmar que os jovens contemporâneos não só leem, como produzem Literatura. Desse modo, neste trabalho, de caráter bibliográfico, o objetivo principal é sustentar a importância da compreensão e da valorização da cultura jovem durante o processo de ensino de Literatura. Para tanto, os objetivos, que especificam-se a partir desse, desenvolvem-se em: apresentação e reflexão do *Poetry Slam* e formação do leitor jovem; ênfase da Literatura Marginal/Periférica como ferramenta de representatividade e de estímulo para a construção da prática literária na escola; importância da construção literária poética e performática do *Poetry Slam*; e, por fim, na análise de uma proposta metodológica que insere o *Poetry Slam* como prática de leitura literária e a análise recepcional da aplicação do Slam na escola. A tal efeito, dispomos, como aporte teórico, de autores que se empenham em estudos considerados relevantes para essa temática, como Cosson (2009), Zilberman (1989), Gregorin Filho (2011), Kraynak e Smith (2009), entre outros. Como consequência, portanto, reconhecemos a importância de entender a singularidade juvenil para favorecer a prática de Literatura com leitores competentes e compreendemos que o *Poetry Slam* exterioriza elementos característicos da identidade sociocultural dos jovens atualmente e conduz, a partir da sua composição, com pertinência a interação texto/leitor.

Palavras-chave: *Poetry Slam*. Literatura Juvenil. Prática docente. Ensino de Literatura.

ABSTRACT

A movement of repressed voices is born: the microphone is the sword, poetry is the shield and the voice is the dissatisfaction that opens the revolution of its autonomy – from Literature to life. This research is dedicated to reflecting on Poetry Slam as part of the practice of youth literary reading, with the justification of reaffirming that contemporary young people not only read, but also produce Literature. Therefore, in this work, of a bibliographic nature, the main objective is to support the importance of understanding and valuing youth culture during the Literature teaching process. To this end, the objectives, which are specified based on this, are developed into: presentation and reflection on Poetry Slam and training of young readers; emphasis on Marginal/Peripheral Literature as a tool of representation and encouragement for the construction of literary practice at school; importance of the poetic and performative literary construction of the Poetry Slam; and, finally, in the analysis of a methodological proposal that inserts Poetry Slam as a literary reading practice and the reception analysis of the application of Slam at school. To this end, we have, as a theoretical contribution, authors who engage in studies considered relevant to this topic, such as Cosson (2009), Zilberman (1989), Gregorin Filho (2011), Kraynak and Smith (2009), among others. As a consequence, therefore, we recognize the importance of understanding youth singularity to favor the practice of Literature with competent readers and we understand that Poetry Slam externalizes characteristic elements of the sociocultural identity of young people today and leads, from its composition, with relevance to interaction text/reader.

Keywords: Poetry Slam. Youth Literature. Teaching Practice. Literature Teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O processo da dissertação “*O Poetry Slam e a formação do leitor no Ensino Fundamental II: democratizando a leitura e a poesia a partir da composição de uma comunidade de Slam na escola*”.....32

Quadro 2: O percurso sequencial do caderno pedagógico.....33

Quadro 3: A opinião de possíveis mediadores.....35

Quadro 4: A recepção da prática de leitura e produção literária a partir do *Poetry Slam* na tese “*Cultura de rua e o Slam Interescolar: a literatura periférica na escola*”38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. <i>POETRY SLAM</i>: UMA OBRA REFORMADA.....	12
1.1 Duas potências(formativas).....	15
1.2 A identidade do jovem contemporâneo.....	17
1.3 Representar e re(existir).....	19
2. A PALAVRA, A VOZ E O CORPO.....	22
2.1 Contando uma Literatura.....	23
2.2 Um viva a voz poética.....	25
3. UM JOVEM PROTAGONISTA: TEORIA, SUBJETIVIDADE E AÇÃO.....	28
3.1 Sobre o letramento literário.....	29
3.2 Conhecendo as propostas.....	31
3.3 Os produtos: construindo e recebendo as práticas.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

A leitura de textos literários favorece o desenvolvimento das práticas sociais que, sejam elas individuais ou coletivas, agregando às nossas vivências, constituem a nossa formação. Consideramos que, tratando-se da realidade social em perspectivas educacionais, políticas, históricas e culturais, as leituras literárias têm muito em que formar, pois “Em movimentos de ajustes sutis e constantes, a Literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os, pode revertê-los e alterá-los” (Lajolo, 2000, p. 26-27). Embora esse seja um fato que tende a auxiliar na motivação de manter ativas as práticas de leitura literária para o desenvolvimento lúdico, cognitivo, político-social, cultural e estético particular do indivíduo, pesquisas de análises apontam que existe um declínio do “consumo literário” no Brasil atualmente.

Segundo a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2020), de 2015 a 2019, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores e o público que, de acordo com a pesquisa, é o alvo dessa queda de interesse se enquadra nas faixas etárias de 14 a 24 anos. É importante refletir sobre como é realizada a seleção dos critérios de análise para esse resultado de desinteresse. Elaborada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), o estudo considera como leitor apenas quem leu, integralmente ou em partes, no mínimo, um livro nos três meses que antecedem a pesquisa. A especificação do tempo e do texto literário seriam de fato critérios válidos para subjugar o indivíduo como leitor ou não leitor? O que entendemos e qualificamos como Literatura? Podemos afirmar que há um desinteresse do jovem pela Literatura atualmente? Será que nenhuma prática literária está circulando entre os jovens? Existem práticas de leitura literária que são/estão desconsideradas como Literatura?

Essas são algumas questões consideradas importantes para a fundamentação desta pesquisa, para criticar a posição que é atribuída ao jovem dentro da construção do que tivemos por muito tempo como prática de leitura literária e contribuir para as antigas e novas discussões. Dessa forma, defendemos que o trabalho com a Literatura deve possibilitar a flexibilidade de transitar em múltiplos espaços ficcionais, reais ou não, de forma livre, crítica, espontânea e/ou intencional, além de permitir autonomia aos seus leitores e, talvez, que é o caso dos sujeitos nesta pesquisa, autores também. Devemos, portanto, entender e inserir a cultura, o contexto e os interesses de consumo do jovem, se quisermos estimulá-lo e inseri-lo na prática da leitura literária conforme afirmam Bordini e Aguiar:

Se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos (Bordini e Aguiar, 1998, p. 18).

Partindo de uma perspectiva sociointeracionista e da idealização da importância da interação texto/leitor, discorreremos sobre o *método recepcional*, que é conduzido pela teoria da *Estética da recepção*, articulada primeiro por Roman Ingarden, ainda no século passado, e depois aprimorada por Hans R. Jauss e Wolfgang Iser. Esse processo teórico-prático é necessário para a materialização de uma experiência um tanto representativa e identitária a qual analisamos aqui através do movimento do *Poetry Slam*. O *Poetry Slam* possibilita a construção de uma prática literária na sala de aula destinada aos jovens, sem fazê-los desprender de suas construções sociais e culturais individuais, mas incorporando-as, como afirma Regina Zilberman (1990) quando postula que “Ao realizar a leitura do texto, o leitor singulariza aquela obra por carregar os juízos introjetados em sua formação”. Acredita-se que o *Slam*, sendo uma manifestação poética que parte de uma cultura de representatividade, constrói com muita eficiência a relação texto/leitor e ainda está atrelada às relações de mundo do jovem.

A insistência em elevar o grau de importância da identificação jovem com a prática literária faz parte da tentativa de, além de valorizar a prática da Literatura Juvenil, promover autonomia jovem dentro da Literatura. Para isso, este trabalho de pesquisa, o qual apresenta o caráter qualitativo, foi dividido em três capítulos. O capítulo inicial, além de apresentar o *Poetry Slam*, situa-o como participante da identidade jovem e da representação e valorização da cultura juvenil. Discute-se ainda, nesse primeiro capítulo, a relação entre a Cultura e a Literatura prevista para a escola. Em seguida, no segundo capítulo, aborda-se a constituição poética literária do *Poetry Slam*, assim como, a prática da poesia em sala de aula.

Por fim, no terceiro e último capítulo, realiza-se a análise de um projeto de material que registra o planejamento e a execução de uma proposta de trabalho com o *Poetry Slam* na escola, assim como a recepção que foi obtida a partir desse movimento literário. A análise metodológica do *Slam* no contexto escolar, que é realizada nesta pesquisa, está apresentada no caderno pedagógico produzido a partir da dissertação “*O Poetry Slam e a Formação do Leitor no Ensino Fundamental II: Democratizando a Leitura e a Poesia a Partir da Composição de Uma Comunidade de Slam na Escola*”, de Dalyene Anne Lyrio Portela, enquanto a análise recepcional se desenvolveu a partir das observações da tese “*Cultura de rua e o Slam Interescolar: a literatura periférica na escola*”, de Nayane O. Ferreira.

1. POETRY SLAM: UMA OBRA REFORMADA

*Adeus professor? Adeus professora? / A
competição nesse país destoa / Meu ego me joga
no mar, / faz tempestade / o que era uma garoa /
Mas sei lá, / penso nessas voltas de Slam / poeta
que hoje é ídolo / até ontem era fã / é que o chão é
liso, / é lindo / Despenca / que tem mais uns cem
vindo / bom / é bom demais, mano / traz de volta o
compromisso / mas eu vou salvar o mano como? /
Recitando? / Salve poeta Kaya / então / pode crer
que vamos / lembrar do que é preciso / lembrar do
que está faltando / é o acesso da criança / que a
educação não tá acessando / é estrago / é estranho
/ e ela não acessa o mercado / é desigual / é sem
tamanho / eu tô achando / que é parte de um plano.*

(Fernaun - Slam da Guilhermina)

Reformar corresponde à renovação, à inovação e ao aperfeiçoamento, constituindo-se de um processo dinâmico, no qual é incorporado a reavaliação estrutural de práticas e/ou sistemas para promover e garantir abordagens eficientes. Nessa perspectiva, durante este capítulo, discutiremos e avaliaremos planos de condutas atribuídos à Literatura, assim como, buscaremos entender a relevância de conhecer e articular a cultura juvenil nos processos de práticas de leitura literária a partir do *Poetry Slam*. Com essa finalidade, reunimos estudos e reflexões levantadas por nomes como Cosson, Solé, Gregorin e outros. Além disso, atrelamos as discussões ao que postulam os documentos que regem o ensino através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Inicialmente, consideraremos o percurso de edificação e solidificação do *Poetry Slam*.

Na década de 1986, nos Estados Unidos, especificamente em Chicago, um poeta chamado Marc Smith deu início a uma competição poética intitulada como *Poetry Slam*, na qual eram recitados poemas autorais com a duração de até 3 minutos, intencionando valorizar a poesia. Traduzido do inglês, *Poetry* significa poesia, enquanto *Slam* funciona como uma onomatopeia para simbolizar uma batida, essa competição buscou refletir o movimento poético no qual unificam-se o texto (poema) e a performance (a poesia – a batida) para expandir a

recepção e a significação da obra literária. Sobre essa sua idealização de prática de Literatura, Smith afirma:

Slams são eventos cativantes de poesia que focam a atenção da plateia ao vivo na apresentação de poemas que foram compostos, aperfeiçoados e ensaiados com o propósito de serem performados - muito frequentemente numa arena competitiva, mas não sempre. É um carnaval, um espetáculo público ou cortejo, uma sala de aula interativa, uma assembleia na prefeitura, um jogo de moeda, uma partida de boxe diversificada, um renascimento ao estilo de uma igreja que eletrifica e anima as pessoas que estão escutando e assistindo (Smith, 2009, p. 3).

O movimento *Poetry Slam* causou tanto impacto em sua construção poética e expressiva que se espalhou pelo mundo. Em 2008, a poeta Roberta Estrela D’Alva¹, que trouxe ao Brasil o terceiro lugar na Copa do Mundo de *Slam*, protagonizou a percussão do *Slam* no Brasil, constituindo-se das regras universais: recitar poemas autorais com até 3 minutos; não usar instrumento musical; não usar adereços ou figurino; o júri é público e deve ser escolhido na hora. Desse modo, a batalha é dividida em três momentos: no primeiro, todos os poetas inscritos participam; no segundo, participam apenas os cinco que obtiveram, de acordo com o público-júri, os melhores desempenhos; e na última etapa, temos o *Slammer* – termo para referenciar o poeta no *Slam* – vencedor, que é decidido entre os três melhores da noite. Antes de dar início, temos uma espécie de circuito poético, no qual todos, inscritos ou não, podem recitar poemas livremente.

Um outro elemento caracterizador do *Poetry Slam* é o – *manifesto* – que funciona como uma apresentação marcando a identidade do *Slam*, dele retiram também o – *grito de paz* – que é um coro reproduzido pela plateia antes de permear o completo silêncio para dar início às declamações. O *counter* é o responsável por cronometrar o tempo de cada apresentação e registrar as notas de cada participante. A ação de avaliar as construções poéticas e as performances com notas, no *Slam*, funcionam como uma ferramenta para dinamizar a partilha, apenas uma forma de conectar o espectador/leitor ao poeta. O movimento é livre e as expressões do contentamento ou não fazem parte desse universo, sendo sempre um “[...] espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental no mundo em que vivemos – a escuta” (D’Alva, 2011, p.125).

¹ Atriz-MC diretora, pesquisadora e poeta slammer. Idealizadora e *slammaster* do ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), primeiro "*Poetry Slam*" brasileiro, e curadora do Rio Poetry Slam-FLUP, primeiro *Poetry Slam* internacional da América Latina.

Outra figura de destaque do *Slam* nacional é Emerson Alcalde², fundador do – *Slam* da Guilhermina – atual maior e mais referenciado grupo de competição de poesias do Brasil – segundo ele, favorecer a poesia oral, escrevê-las e lê-las em batalhas de performances poéticas, é transformar os *Slams* em linguagem. Emerson também foi o pioneiro na inserção do *Slam* na escola no Brasil, por considerar que a poesia é educação e merece ser reconhecida por isso. Dentro do ambiente escolar europeu já haviam movimentos de *Slam*, como forma de incentivo a prática de leitura literária. Alcalde, ao representar o Brasil, em 2014, na Copa do Mundo³ do *Slam*, deparou-se com um dia de competições entre escolas, em que jovens, de diferentes escolas, também participam com poesias autorais de uma categoria do campeonato. Essa descoberta motivou a criação do projeto *Slam* Interescolar, objetivando avançar com a prática da leitura e da produção literária, com o desenvolvimento do senso crítico e com o engajamento dos alunos e dos professores a partir do trabalho com a poesia.

O *Poetry Slam*, ou somente *Slam*, seria então uma forma de multifacetar a obra literária e mais, encaminhá-la aos mais diversos espaços possibilitando que seja lida, ouvida, conhecida, apreciada, incentivada, reproduzida e julgada sem que, necessariamente, tenha que passar por uma editoração. O mercado editorial, o qual seleciona as correntes que irão circular de acordo com a monetização que mais lhe favorece, não influencia na qualidade da recepção da manifestação literária do *Slam*. Reativamos as afirmações de Antonio Candido quanto ao direito à Literatura “[...] porque fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético” (Candido, 2011) e refletimos se teríamos então, de fato, a democratização do conhecer, do fazer e do ler Literatura a partir da ampliação do acesso literário por um viés popular.

A linguagem poética e a liberdade de temas abordados no *Poetry Slam*, assim como o modo em que se estrutura, torna-o atrativo ao público juvenil, principalmente, por poderem inserir as suas particularidades de escrita e lírica estética e as suas subjetividades entrelaçadas aos versos e às performances. Uma memória que é individual e/ou coletiva e que não se limita apenas ao lápis e ao papel, jovens que ganham espaço e voz e que falam além de si através da poesia. São rimas e ritmos externalizados para crescimento próprio e conscientização social, falando de amor, dor, política e sociedade. Então por qual motivo limitar o tempo? Roberta Estrela D’Alva (2016) menciona que o tempo é um jogo de espaço democrático “[...] se em

² Poeta, *slammer* e escritor. Vencedor do Prêmio Jabuti na categoria fomento à leitura.

³ Competição que reúne slammers de todo o mundo. Assista: <https://www.youtube.com/watch?v=Gbkhar165C8> e leia: <https://www.periferiainvisivel.com.br/copa-do-mundo-de-slam-de-poesias-paris/>

meia hora falariam três pessoas com dez minutos, com três minutos falam muito mais”, e dessa maneira criam-se mais oportunidade de ouvir, ver e ler mais poetas, outros estilos e mais temas.

De acordo com os participantes do *Poetry Slam*, a poesia possui mais significância do que a competição “eu sinto que aqui as pessoas estão mais preocupadas em dividir os seus poemas” (Slam: Voz de Levante, 2017). O ambiente *slammer* propõe que haja maior interesse e necessidade em compartilhar e expressar o texto literário, a manifestação artística e a apreciação, do que a busca pela vitória, visto que é um espaço de reconhecimento mútuo em que as conexões humanas, artísticas e literárias ocupam o centro do palco, ansiando ouvir vozes autênticas. E no final, a poesia sempre prevalece.

1.1 Duas potências formativas

Quando se trata da escola e do ensino de Língua Portuguesa, a Literatura passa tão despercebida que, se não for mencionada, ninguém ousaria em cobrar pela ausência. Obviamente, essa não é a perspectiva que apostamos, mas infelizmente, é a realidade que ainda encontramos. Ler e escrever Literatura não é considerado de tanta utilidade, mas a sociedade sempre espera que os jovens sejam leitores, escrevam bem e que sejam bons críticos, realizam até pesquisas para analisar o nível em que esses se encontram próximos ou não da prática literária. Não seria mais oportuno buscar favorecer que as competências da prática de leituras literárias fossem efetivas na escola? Os documentos que regem a estruturação educacional do Brasil encontram-se na Lei nº9394, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), neles estão respaldados os direitos e os deveres da Educação, incluindo o ensino da Literatura e a Cultura.

A partir de reformulações sofridas no currículo que norteia o Ensino Básico, através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o ensino de Literatura passou a ser discutido de forma que pudesse ser mais presente na constituição do processo de ensino-aprendizagem. Porém, ainda que reconhecida, a Literatura se tornou margem do ensino e refém dos famosos e aclamados clássicos literários: os cânones. Na sala de aula, por muito tempo, a prática de leitura literária era resumida em escolas literárias e obras historicamente reconhecidas, que foram escritas por nomes pioneiros na Literatura e que perpassariam os séculos. De fato, a Literatura também faz parte da história e deve ser preservada e revisitada, mas a obra literária é emancipadora, ao conhecer sua dimensão, habitamos, ressignificamos e transcendemos a novos horizontes. Devemos estar dispostos a ser, e então formar, leitores que

conhecem e compreendem as mais diversas Literaturas, sejam elas classificadas mercadologicamente como infantil, juvenil, *young-adult*, *new-adult*, clássicas ou contemporâneas.

A cultura é uma manifestação viva, por isso, o tempo encarrega-se de nutri-la de novas referências para que seja sempre um benefício que acompanha o desenvolvimento da sociedade, afinal, a cultura é um elemento de representação de um povo. Dentro da escola não seria diferente, a Base Curricular destaca a cultura como uma das competências que devem ser desenvolvidas para emancipação da aprendizagem e da formação, de modo que os alunos compactuem com manifestações culturais com práticas relacionadas e que permitam a participação ativa, o aprendizado e o reconhecimento da importância de determinados movimentos, além de contribuir com os conhecimentos de mundo e aprimoração de um amplo repertório sócio-histórico. Desse modo, o ambiente escolar torna-se oportuno para desfazer estigmas que outrora desvalidaram ou tornaram menos proveitosa determinada cultura.

A Literatura e a Cultura estão incluídas na área da BNCC – Linguagens e suas Tecnologias – a qual contempla Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa. Embora associamos automaticamente a Literatura à área de Língua Portuguesa, a qual também reconhece hoje suas competências, é no campo Artístico-Literário em que a BNCC aponta o ensino e o estudo da Literatura, assim como, a situa como uma prática social. Percebemos então a associação da prática literária com a manifestação artística. Mas qual cultura consideram para estabelecer tais relações? E de que modo a Literatura se destaca nesse campo? De acordo com os documentos, ao tratar de ensino, formação de leitor e desenvolvimento, devem ser promovidas produções de diversas formas e apropriações de diversos gêneros literários auxiliados pelo que chamam de cultura jovem, com o intuito de beneficiar-se das preferências juvenis:

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e **produções culturais** (resenhas, vlogs e podcasts literários, culturais etc.) **ou a formas de apropriação do texto literário**, de produções cinematográficas e teatrais e de outras **manifestações artísticas** (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas. **A escrita literária, por sua vez, ainda que não seja o foco central do componente de Língua Portuguesa, também se mostra rica em possibilidades expressivas.** Já exercitada no Ensino Fundamental, pode ser ampliada e aprofundada no Ensino Médio, **aproveitando o interesse de muitos jovens por manifestações esteticamente organizadas comuns às culturas juvenis** (Brasil, 2018, p. 495, grifo nosso).

Assumindo essa perspectiva, a relação literária e cultural na escola se dá pelo objetivo de formar leitores que estejam interessados em explorar as possibilidades da prática de leitura literária e não somente consumidores de textos. Consideramos então o anseio em ter jovens leitores competentes, que compreendem a necessidade de estabelecer conexões com outros textos e com as experiências subjetivas, sendo assim, favorável ao senso crítico. O trabalho com a poesia dentro do movimento do *Poetry Slam* traz liberdade e autonomia para construir o processo em que o jovem é conduzido a interagir com o texto, a partir de referências contextualizadas. Ainda no *Slam*, o jovem está exposto às características de um leitor competente quando unifica pensamentos de um texto às vivências e ao considerar suas marcas identitárias (Del'issola, 1996), ao associar sua prática aos textos atuais em circulação (Solé, 1998) e também aos movimentos. É importante, portanto, como participantes desse processo de formação, que estejamos atentos ao buscar entender e percorrer os interesses juvenis para realizar o exercício de imersão literária.

1.2 A identidade do jovem contemporâneo

Do Latim “juventus - utis”, o que conhecemos por juventude significa o período ou a condição de ser jovem. Em um vídeo⁴ publicado no canal do *Youtube* “Rede Ecumênica da Juventude” para responder ao que é ser jovem hoje, o entrevistado Felipe Bernado relata sobre a necessidade da imposição do jovem como um ser subjetivo “[...] temos que estar sempre nessa luta [...] batalhando pelos nossos direitos, pois acabamos, de certo modo, sendo esquecidos e tendo a nossa vida um pouco reduzida em questões de vivência e de direito”. Pensando a partir dessa perspectiva, consideramos que o jovem é uma constância entre aquilo que eu sou e aquilo que me permitem ser, ou seja, se o indivíduo não se autorreferenciar como jovem, ele não é jovem, assim como, se a parte social não favorece a sua juventude, ainda que se identifique, ele não será jovem. Então, é preciso que a sociedade compreenda e respeite o percurso de experimentação das vivências particulares e coletivas do indivíduo para contribuir com a sua formação.

Em 1904, o psicólogo Stanley Hall categorizou o termo “adolescência” como um dos estágios do desenvolvimento humano. Esse período, que é construído de modo cultural por estar intrinsecamente ligado ao contexto atual, é responsável por separar a vida adulta da infância e

⁴ Acesse em: <https://www.youtube.com/watch?v=pDaWW0gqqXw&t=3s>

nele são reunidos os elementos fundamentais para formação da identidade e da personalidade. Seguindo o amadurecimento da ideia da adolescência, instaura-se a criação de produtos e movimentos que buscam fazer parte da juventude e o campo mercadológico assume um papel importante nesse processo. A indústria consumidora passou a promover, a partir da década de 60, referências juvenis que foram associadas ao rompimento da tradição e à idealização de uma geração rebelde. A abordagem de temas que assolam a rotina dos jovens propiciou a aproximação com os textos literários, pois a representação na realidade ficcional causava agora identificação.

Obras como *O Ateneu* (1888), *O Retrato de Dorian Gray* (1890), *A Culpa é das Estrelas* (2014), *Harry Potter* (1997), *Quinze Dias* (2017), que tratam da moralidade, da sexualidade, da doutrinação, de problemas psicológicos, de doenças físicas, de sentimentos, da constituição de sociedade e até mesmo do próprio sistema ensino, trazem o despertar dos pensamentos e dos posicionamentos críticos dos jovens. Essas obras, se bem observadas, possuem pontos em comum que estimulam o interesse do público juvenil, não se trata apenas do enredo, mas de todos os recursos escolhidos para a sua construção, a linguagem da escrita literária, os personagens e as temáticas. Os jovens têm buscado por representatividade, protagonismo, autonomia e liberdade, o que, em termos gerais, é oportuno para fundamentar a sua formação, é sugestivo então que “tratado como portador de opiniões próprias, lidando com etapas importantes e características de sua vida, as narrativas literárias podem ser um recurso de apoio para melhor compreensão do mundo e da própria vida” (Azevedo, 2015, p. 46).

Os jovens buscam atribuir sentido às atividades em que estão dispostos, por isso, é agradável e inquietante quando a prática de leitura literária é significativa para o público juvenil. Quando os conflitos, que antes eram invisibilizados, passam a ganhar espaço para serem discutidos, acontece o fenômeno da socialização literária, em que os jovens leitores entram em contato com as suas próprias experiências e sentem a necessidade de compartilhá-las. Existe uma troca favorável entre a obra e o leitor que é atualizada a cada nova conexão de experiência. Desse modo, preservamos sempre a leitura literária como um processo vasto e ampliador, de modo que, como reforça Manguel (2004, p. 127) “Por mais que leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo”.

Diante das evoluções que vivemos, a Literatura também se expande. Na contemporaneidade, os jovens aprenderam e apropriaram-se da leitura em *Kindle* e,

consequentemente, dos *e-books*, assim também ocorreu com os *booktubers*⁵, os *bookgrams*⁶, os *booktoks*⁷ e os *podcasts*⁸. É possível hoje praticar a leitura literária de formas antes não imagináveis, temos, ou podemos ter, uma geração muito mais conectada à Literatura do que poderíamos imaginar. O *Slam* também faz parte dessa modernização de prática de leitura literária, e ainda fazendo com que o jovem ganhe o protagonismo desejado e independência em seus posicionamentos, leituras e escritas. Modernização, não por ser algo novo, mas por, na atualidade, ter conquistado espaço entre as preferências juvenis.

1.3 Representar e re(existir)

No momento em que Marc Smith inaugura o *Poetry Slam* está em curso um processo de deselitização poética, pois antes já se praticava o compartilhamento público de poesias através dos Saraus. A questão é: Quem praticava e com quem partilhava? A verdade é que a Literatura era um direito para a elite e um boato para a burguesia. Maria Valéria Rezende, em entrevista ao SisEB (Sistema Educacional de Bibliotecas Públicas de São Paulo), refuta a ideia de que os brasileiros não leem, apontando sobre sua incredulidade ao encontrar, no sertão, a propagação da Literatura:

A gente imagina o leitor ideal sentado em uma poltrona, aquele silêncio [...] O nosso povo sempre leu, mas a leitura é uma atividade coletiva e oral também [...] Eu chego no dia da feira e levo um susto, pois encontro, ao lado do saco de feijão a granel e ao saco de farinha a granel, um cordão cheios de livrinhos pendurados, o famoso folheto de cordel [...] Para o nosso povo, a Literatura é tão fundamental que é, na vida cotidiana, um bem de consumo de primeira necessidade (SisEB São Paulo, 2019).

No Brasil, que é um país de grande cultura oralizada, a musicalidade, além de se fazer presente nas canções de letras intensas, tornou as margens sociais próximas à prática de leitura literária através primeiro dos cordéis e dos repentes, e atualmente das batalhas de rimas e dos *Slams*. Em todos esses movimentos existe uma projeção popular, a qual favorece o avanço do processo de poderio do conhecimento literário e da ascensão social da população desfavorecida. Quanto às Literaturas oralizadas contemporâneas citadas, que atendem às expectativas de buscas por conscientização, valorização e formação cultural e social, são reconhecidas e classificadas como Literatura Marginalizada ou Periférica, pois trata-se de uma Literatura que

⁵ Comunidade do *Youtube* focada em livros e no universo da leitura.

⁶ Instagram literário.

⁷ Comunidade no aplicativo do *Tiktok* voltada aos livros e às leituras.

⁸ Publicação de conteúdo digital em formato de áudio ou vídeo.

representa, não somente com as temáticas, a classe baixa. Embora as vivências periféricas já fossem registradas na Literatura, quem as escrevia não reunia essas experiências, somente “assumiam o papel de porta-vozes desses sujeitos, falando em seu lugar, assumindo a sua voz” (Oliveira, 2011, p.33).

O jovem ao entrar em contato com a Literatura Marginalizada experiencia a escrevivência – quando considerada a escrita a partir das experiências – encontrando, a partir disso, as motivações para reivindicar o seu lugar, por manifestar suas opiniões e contestar por seus direitos e pelos direitos da sua comunidade, visto que, como afirma Conceição Evaristo:

A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. No campo da Literatura, essa provocação vai ser feita da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas (Evaristo, 2020).

Oliveira acrescenta que “um traço bastante inovador da Literatura Marginalizada da periferia é justamente o seu caráter de voz coletiva, comprometida em contar e escrever a própria experiência, em contraponto à cultura oficial dominante” (Oliveira, 2011, p. 34). Além disso, de acordo com o que pensou Todorov (2010), a Literatura é o que reflete o conhecimento do mundo e, por isso, permite a compreensão das existências. No *Poetry Slam*, o jovem, além de encontrar os seus conflitos nas outras poesias, pode ser o escritor e o seu protagonista.

Pensando nessa construção e na formação do leitor, Cosson (2014, p. 23) afirma que “estamos diante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.” e reativa a reflexão sobre como as atividades estão sendo realizadas de forma insuficiente para produzir efeitos de fruição nos textos literários. Portanto, a identificação do leitor com a prática literária é importante para desenvolvimento do próprio indivíduo como leitor, criando “condições para que o encontro do aluno com a Literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (Cosson, 2014, p 29).

Gregorin (2011) relata que atualmente a Literatura que é pensada para jovens está relacionada à arte e que esse fato remete às discussões de cunho social, o que é exatamente a proposta entregue pelo movimento do *Slam*. Portanto, a Literatura não é mais o – pão do privilégio – agora é uma habitação cotidiana e os jovens assumem o papel da conquista quando ocupam os espaços e dão vozes aos seus silêncios. O presente da identidade juvenil se dá pela insistência de mostrar que existe, com plena consciência dos lugares que deve ocupar, ressignificando todos os seus entendimentos através da poesia em uma *obra reformada*, que

tem a sua juventude como “[...] um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência, que se resolve a cada dia” (Santos, 2017, p.100).

Mas qual é o espaço que essa Literatura assume na sala de aula? Reconhecemos a importância, mas não a efetivação dessa prática na escola. Passamos agora a refletir, então, sobre como, o porquê e quais os efeitos de aproximar a prática literária do texto oral, especialmente enquanto texto poético e a relevância para formação do leitor jovem.

2. A PALAVRA, A VOZ E O CORPO

A performance tem a habilidade de renovar a poesia predita convencional, a cada nova leitura, entonação e imposição há também uma nova projeção de perspectiva no poeta e no leitor/ouvinte. Portanto, o ritmo empregado ao texto, a expressão e a comunicação corporal e a ênfase na voz, que acompanham o poeta, estabelecem importantes relações de sentido ao texto. Durante este capítulo, discutiremos a relevância da construção poética no *Poetry Slam*, considerando para isso toda a manifestação oral, prática e crítica que lhe é atribuída. Somando a isso, falaremos também a respeito da materialização do texto literário oralizado e o local que ocupa – ou não – na sala de aula.

Para tanto, é necessário atentarmos para a escrita como resultado de uma pré-leitura do mundo, assim como aponta Freire, visto que, ao oralizar uma leitura, o leitor reflete além do que apenas a decodificação da palavra puramente, mas “[...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo [...] e implica as percepções das relações entre o texto e o contexto” (Freire, 1989, p. 9) ou seja, a oralidade produz e reproduz, significa e ressignifica as experiências que, segundo Larrosa (2003) reúne “o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca”, valorizando e introjetando a cultura através de um exercício ativo. Por isso, no período da infância e da adolescência, a prática de contar e ouvir as vivências deve ser constante no processo de aprendizado, pois transcende o que limita as tradições socioculturais que são elementos importantes para a formação do leitor.

Defende-se, dessa maneira, o rompimento com o ciclo vicioso de segregar e/ou excluir a voz do leitor e a obra literária enquanto manifestação viva como uma memória que pode ser coletiva. Quanto a esse movimento, a escola escuta ou ainda regula a passividade do aluno? Conduz ao protagonismo ou mantém a postura rasa da consumação seca do texto? Permitir a oralidade é garantir que a obra literária exista concretamente de forma sensível e que possibilite, inclusive, a aprimoração da obra e do autor, no que tange esse processo, a pesquisadora Gislayne A. Matos afirma que:

[...] quando um conto chega à maturidade no interior do contador, este estará pronto para compartilhá-lo com seus ouvintes. Ao fazê-lo, o contador sentirá novas emoções que serão suscitadas pela reação dos ouvintes, novas imagens irão surgir, e com esses novos elementos ele vai trabalhar mais ainda sobre seu conto, polindo-o, fazendo novos ajustes. assim será a cada vez que contá-lo, até o dia em que ele estará redondo e liso como um seixo (Matos, 2014, p. 120).

Diante disso, consideramos que a leitura em voz alta amadurece e reconstrói o texto, partindo das escolhas do poeta, que é leitor, e da devolução das impressões do ouvinte, que

também é leitor. Quando o poeta compartilha o seu texto oralmente, considera e atribui as suas percepções através das escolhas performáticas que faz. Por sua vez, o ouvinte absorve, interpreta e adiciona automaticamente novas camadas de significância ao texto pela recepção que tem dele. De certo modo, o texto oralizado coloca como leitor competente todas as partes que estão inseridas na prática dessa leitura e a continuidade das trocas de experiências junto às recepções refinam o texto e, conseqüentemente, cativam o público. Passaremos a destacar a simbiose entre texto, leitor e autor no ato de ler poesia.

2.1 Contando uma Literatura

Ainda na Grécia Antiga, em meados do século V a.C., a prática da leitura oralizada, bem como a recitação de poemas, assegurou lazer, cultura, conhecimentos e influência ideológica para essa sociedade. A *Ilíada* e a *Odisseia*, as clássicas epopeias gregas, foram, a princípio, oralmente marcadas e atribuíram valores históricos importantes à Literatura e à Cultura. A oralização da Literatura ultrapassa o contexto escrito, pois atribui a esse uma dimensão subjetiva expressa, ou seja, aquele que, nessa perspectiva, assume o lugar de leitor expande a recepção da obra a partir das manifestações introjetadas pelo próprio corpo. Dessa forma, o poema como texto escrito tem o papel e o impacto diferente da poesia como efeito do texto oral, cuja característica marca relevância e a indispensabilidade desse elemento, como discorre Paz:

No interior de um estilo é possível descobrir o que distingue um poema de um tratado em verso, um quadro de uma lâmina educativa, um móvel de uma escultura. Esse elemento distintivo é a poesia. Só ela pode mostrar-nos a diferença entre criação e estilo, obra de arte e utensílio. (...) Palavras, sons, cores e outros materiais sofrem uma transmutação quando ingressam no círculo da poesia. Sem deixar de ser instrumentos de significação e comunicação, transformam-se em – outra coisa – (Paz, 2012, p.28-30).

Historicamente, a poesia passou por transformações que refletem e acompanham os enfoques culturais e sociais da sua época. Durante a Idade Média, os poetas articulavam os temas, essencialmente, à religião, enquanto no Renascimento, por outro lado, a ciência e a razão eram os fundamentos. Contemporaneamente, a poesia constitui-se por partículas de estilos diferentes ao mesmo período de tempo, de maneira que coexista no texto literário a poesia quanto lírica, trágica, cômica e/ou até épica dialogando e/ou divergindo em diversidades temáticas e estéticas. Essa pluralidade favorece a experiência leitora e proporciona ao leitor a recriação do texto, a partir da movimentação das interpretações e das sensações simultâneas que são congruentes ao ato de ler performando a leitura.

Curtius (1996) relata que os gregos encontraram no poeta um reflexo de existência ideal e constituíram-se disso. Desde então, a poesia tornou-se uma importante forma de autoconhecimento, de identificação e de percepção do mundo. Em relação à Educação, a poética foi muito difundida nos primeiros anos, devido ao envolvimento no alicerce cultural das sociedades e por se constituir de consideradas elevadas manifestações linguísticas. Porém, com o passar do tempo, esse espaço foi sendo renegado e restrito. Alves (2002) observou e ponderou a respeito da ausência poética efetiva na sala de aula nos últimos anos. Segundo os levantamentos, em casos que eram encontrados a ocorrência do ensino e da prática da leitura do texto poético nas escolas, havia uma inadequação em meio à mediação desse trabalho devido à limitação do material mal conduzido através de alguns livros didáticos e/ou mal selecionado pelo professor, de modo que não constatou uma preocupação em despertar interesse nos alunos e em formar leitores competentes.

Ainda sobre a inserção do texto literário quanto oralizado, hoje é comum que, por integrar os assuntos programáticos, a poesia seja inserida nas aulas apenas como consulta aos autores e aos estilos literários. No entanto, como educadores e mediadores da formação leitora, apostamos que deva ser de ativo da escola, com a prática de poesia, “proporcionar aos alunos (leitores) habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibiliza-se para a comunicação através do poético e usufruir da poesia como comunicação com o mundo” (Averbuck, 1982, p. 67). Pensando nisso e com o intuito de desfazer a secundarização da oralização da Literatura e de desmistificar a poesia como mero exercício acadêmico, vislumbramos com a poesia proporcionar apreciação, criação, expressão e prática literária.

Em síntese, seja por história, resistência, admiração e/ou inovação, sustentamos que a poesia, a qual manifesta a Literatura de maneira oralizada, não permaneça isenta do processo de prática de leitura literária, sobretudo por sua integração cotidiana, pois como afirmou Oswald de Andrade em O Manifesto Pau-Brasil (1924): A poesia existe nos fatos. Apostamos que oralização da Literatura e seus recursos favorecem a impermeabilidade da memória e permite, a partir das adaptações espontâneas ou necessárias, o envolvimento da comunidade leitora/ouvinte e a preservação da tradição da oralidade da Literatura ainda no contexto contemporâneo, que é predominantemente digital, tecnológico e mercadológico.

No que tange ao movimento do *Poetry Slam*, a Literatura é lida pelo ouvir da poesia e pela apreciação da interpretação que a acompanha. Com isso, o texto literário oralizado expande o seu contexto enunciativo aos aspectos que estão associados às manifestações do corpo e à recepção do ouvinte-leitor e não somente à voz. Considera-se o poeta e o leitor como parte do poema e a poesia para efeito de tudo que eles projetarem, a respeito disso, destacaremos a

construção da oralização literária no *Poetry Slam* e os aspectos orais escolhidos para esse discurso.

2.2 Um viva a voz poética

O idealizador da competição do *Poetry Slam*, afirma que almejava, com o movimento, dinamizar a poesia e torná-la uma prática literária mais atrativa: “A minha coragem de performar poemas ao invés de resmungá-los monotonamente se tornou e continua sendo uma questão controversa no mundo da poesia privilegiada” (Smith, 2009). De fato, a iniciativa reposicionou a poesia, principalmente no palco da sociedade, tornando possível, além de vocalizar o poema, corporificá-lo e necessitando para fruição dessa prática apenas das pessoas – poetas e leitores – e de suas construções individuais e coletivas pré-existentes e estabelecidas a partir daquele texto que se lê, se ouve e se vê.

Quando um poema deixa de ser papel, se torna voz e alcança o espaço colidindo com uma outra pessoa, gera um efeito que transforma ambas as partes envolvidas, esse processo pode ser relacionado ao pensamento de Leda Maria Martins (2003) a respeito do “Poder aurático da palavra proferida”, modificam-se por toda a manifestação que envolve a leitura literária e não especificamente pela obra a qual foi escrita. Por isso, para construção do *Poetry Slam*, o poema deve mobilizar os temas e as linguagens livremente, pois independentemente da métrica ou da rima, é a mensagem performada que terá destaque. A voz e as expressões darão vida às palavras, que preferencialmente são memorizadas para que o papel não seja uma barreira entre o poeta e o leitor-ouvinte.

A performance do corpo atua como materialização da palavra e amplia os sentidos de compreensão e a dimensão da fruição do texto literário no leitor. Dessa forma, as experiências performáticas consideram o ato da oralização da leitura uma das principais e indispensáveis partes do processo da prática literária. Ainda que a obra, em sua completude escrita, introjete os seus sentidos, ao encontrar-se com as vivências do corpo que ouve e do corpo que lê, o leitor redescobre e/ou restabelece novos significados. Podemos relacionar essa ideia ao que aponta Eliana Kefalás sobre a leitura:

A leitura é um **ato de interação, de interlocução** com o próprio texto. Interessa o **corpo a corpo entre aquele que lê e o que está sendo lido**. Dessa forma, a leitura em performance **não precisa “representar”** o que o texto diz, **mas dialogar** com ele. Quando o leitor, por exemplo, lê silenciosamente o texto (se é que há mesmo esse silêncio), o corpo não fica conscientemente tentando repetir o que o texto diz, ele sofre

reações, entra em estado de reverberação, de conversação ou até de embate com a palavra lida (Kefalás, 2010, p. 300, grifo nosso).

A respeito dessas relações que são estabelecidas a partir da oralização, Marc Smith afirma que o *Poetry Slam* se constitui da “forma-arte do show”, que é a união dinâmica da voz e do corpo individual (a forma), da performance (a arte), da presença do público e do espaço (o show) para emancipação dos sentidos do texto literário. Nessa perspectiva, a prática de leitura literária é viva e interativa, de modo que, assim como o texto diverte-se com as palavras estilisticamente e linguisticamente, o leitor brincarás com a intensidade, a sonoridade, a entonação, a emoção e a semântica na sua leitura subjetiva. Observando esses elementos constitutivos, destacaremos a seguir o funcionamento e a implicação deles dentro do movimento literário do *Slam*.

A voz, dando início ao processo de leitura, materializa, particularmente, a obra, destacando aquilo que, para o leitor, merece notoriedade. Com essa finalidade, o leitor encontra-se livre para escolher os recursos sonoros que fluem a linguagem e as manifestações dos sentidos que ele atribui à leitura. É por meio da vocalização das palavras do texto escrito que a comunicação eficaz dos pensamentos, das emoções, dos sentimentos e dos ideais são transpassados, incentivando a autoexpressão e estimulando a autoconfiança da opinião crítica leitora. Ainda sobre a voz, Zumthor defende que:

[...] transmuta o simbólico produzido pela linguagem, ela tende a despojá-lo do que ele comporta de arbitrário; ela o motiva com a presença deste corpo de onde emana. À extensão prosódica, à temporalidade da linguagem, a voz impõe assim sua espessura e verticalidade de seu espaço (Zumthor, 2000, p. 146).

O nosso corpo possui algumas funções conjuntas, um exemplo é que, quando discursamos, tendemos a manifestar performaticamente a nossa fala, seja gesticulando ou expressando facialmente e/ou com alternâncias sonoras. De acordo com Helder Pinheiro (2015, p. 291) “[...] muitas vezes imaginamos situações que nos ajudam – mesmo inconscientemente – a pronunciar de modo mais expressivo determinadas palavras”, ou seja, buscamos simbolizar a materialização, que é a voz, como maneira de explicitar os movimentos. Isso reflete também na necessidade de complementar o entendimento da nossa voz com o espaço que queremos alcançar/ocupar a partir dela. É desse modo que a performance é, premeditadamente ou involuntariamente, a segunda etapa do processo de leitura no *Poetry Slam*. A posição que o corpo assume para concretizar o conteúdo movimenta a leitura e a interpretação do texto.

Seguindo com a flexibilidade e a união da voz com o corpo, o *slammer* tem o objetivo de impactar a plateia apenas com a leitura do que veem e do que ouvem da apresentação da sua

obra. Entramos na fase de emissão-recepção simultânea, que é quando a obra precisa da resposta interativa do leitor-ouvinte para fluidez do seu processo. A ocupação do espaço, poeticamente, só é possível através da interação do público com a obra. Nesse sentido, os aplausos, as vaias, os embalos, os murmúrios e todas as manifestações favorecem a construção da experiência literária, transfigurando a obra e completando o poeta. D'alva, reitera que os *Slams* funcionam como uma festa coletiva que não pode acontecer sem o dinamismo com o público, pois isso retiraria o sentido da performance do movimento e, embora seja possível acessar as leituras em um momento paralelo e assíncrono, não se consegue a mesma expansão da prática literária que é vivida simultaneamente, a poeta completa ainda que:

De fato, a “aura” do slam, o momento presente em que o encontro se dá, não é possível de reprodução, e muito embora existam registros dos campeonatos e até mesmo livros de antologias com os poemas que são recitados, nada substitui a presença física, o encontro, o diálogo entre as diferenças, ponto central desse tipo de manifestação (D'alva, 2014, p. 112).

É a partir dessas construções que a prática de leitura literária no *Poetry Slam* se estabelece sob regras não hierárquicas, ou seja, de modo coletivo e democrático. As críticas que alcançam todos os textos literários também não poupam o movimento, mas nesse é um fator que é recebido como provocação de incentivo e não necessariamente de repulsa ao texto performado. As temáticas e as ideologias são concretas no corpo do poeta e permitem dialogar com a inquietação do leitor-ouvinte, então o ato de ler torna-se uma atividade para si, para o outro e com o outro, que modifica, acrescenta e/ou desfaz as ideias. De acordo com Larrosa (2000, p. 142) após a concretização de uma leitura “o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar”.

Nesse sentido, apostamos na hipótese de que a poesia não se limita à apreciação, sendo assim, sustentamos a ideia de que é necessário inserir a prática do *Poetry Slam* como parte da prática de leitura e produção literária na escola, a fim de não somente aproximar, mas incorporar o protagonismo jovem. Logo, analisaremos, para tais efeitos, uma das movimentações de intervenções já propostas para esse espaço e uma pesquisa que evidencia casos de sucesso.

3. UM JOVEM PROTAGONISTA: TEORIA, SUBJETIVIDADE E AÇÃO

Finalmente, depois de tantas justificativas, podemos explorar processos e fitar resultados de propostas que insistiram em incorporar o *Poetry Slam* na prática de leitura e produção literária. Dessa maneira, neste capítulo, conheceremos o projeto apresentado na dissertação “*O Poetry Slam e a formação do leitor no Ensino Fundamental II: democratizando a leitura e a poesia a partir da composição de uma comunidade de Slam na escola*”, de Dalyene A. L. Portela, que, considerando o *feedback* de professores ativos, publicou um ebook com uma sugestão didática para a inclusão do *Slam* na escola. Também, fitaremos a recepção dos alunos quanto a essa prática de leitura literária na tese “*A cultura de rua e o Slam Interescolar: a literatura periférica na escola*”, de Nayane O. Ferreira, utilizando-se de uma outra metodologia, porém, partindo do mesmo objeto e caminhando em direção ao mesmo objetivo.

Antes de dispormos dos elementos que fundamentam uma construção de prática de leitura literária, é importante nos atentarmos para a prática do letramento literário e assim, em seguida, compreender como mediar uma proposta. Lembramos que adotamos a Literatura como um direito básico e que deve estar acessível aos jovens como uma atividade emancipadora (Candido, xxxx), por isso, é importante reiterarmos que o sentido e o significado da obra literária jamais estarão limitados às intenções – ou supostas pretensões – do autor, visto que a reprodução do texto literário pelo leitor e a apreciação do ouvinte reconstróem e/ou expandem a percepção e as sensações. Ainda sobre isso, Eagleton (2006) acrescenta que “quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos, e é provável que eles nunca tenham sido imaginados pelo autor ou pelo público contemporâneo dele”.

Ao refletir a respeito do ato de ler e das relações construídas pelos leitores, revisitamos as considerações de Mangel (2004) quando nos é sugerido a liberdade do leitor em interpretar e sentir o texto independente dos recursos utilizados pelo autor. Hans Robert Jauss (1979) organizou metodologicamente, em três etapas, princípios para uma interpretação literária, sendo esses: a compreensão do texto como uma mensagem integral; a interpretação reconstruída do texto; e a aplicação dos impactos produzidos. Reafirmamos, nessa perspectiva, a pluralidade do texto literário e do leitor, a qual favorece a demonstração da inquietação e da liberdade de expressão ao que é impactado pela prática literária:

Assim como os consumidores não são fixos, nem estáticos, a obra literária não é inalterável. A flexibilidade de cada texto decorre de sua habilidade em responder, de

modo distinto, a cada leitor ou aos segmentos variados de público (Zilberman, 2001, p. 91).

A partir dessa organização metodológica para a leitura literária e do posicionamento de Cosson (2014) no que diz respeito ao letramento literário, visualizaremos a conduta dos professores, que são mediadores desse processo, diante dos seguintes questionamentos: como lidam com o letramento literário na sala de aula? de que modo percebem a necessidade de propor atividades que cumpram as “funções” para efetivo letramento literário? estão dispostos e comprometidos com esse processo? como distribuem a prática de leitura literária em sua abordagem? Quanto aos alunos, analisaremos os comportamentos ante a proposta, pontuando e refletindo sobre as motivações, o entusiasmo, o envolvimento e, sobretudo, os resultados mediante a recepção do movimento.

3.1 Sobre o letramento literário

Cosson (2014), no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, afirma que o nosso mundo é constituído basicamente por meio das palavras, da linguagem que expressamos, e que, de modo geral, o nosso “corpo linguagem” é construído através das palavras que praticamos. Pensando nisso, notamos que a linguagem que adotamos – ou que nos adota – interfere modificando e/ou aprimorando a maneira que percebemos e interagimos com tudo ao nosso redor. Por meio da manifestação da linguagem, empregamos sentido ao que vemos, ouvimos, sentimos e experimentamos, essa conexão intrínseca com a realidade aprofunda os nossos entendimentos. Perceba que, quando criança, aprendemos a associar palavras aos objetos e às experiências que tivemos até então, estimulando nossa compreensão do que é real. Da mesma maneira, à medida em que crescemos, vamos aos poucos expandindo a capacidade de ler, entender e descrever mais complexamente a nossa realidade.

É nessa perspectiva que o leitor, quem quer que ele seja, produz e emprega sentidos à leitura, reunindo elementos da formação sociocultural individual, da ambientação e do intermédio da leitura. Por isso, é importante que, como mediadores, ultrapassemos o que temos como limite do texto e de abordagens de leitura. Pois letrar um leitor, não diz somente sobre viabilizar o acesso aos textos literários, ensinar a escrever e a ler, o processo de formação do leitor requer uma consistência de que o leitor deve ser capaz de apreciar e compreender diversas temáticas, estruturas, estilos e contextos, assim como aponta Cosson:

Para formar o leitor literário, portanto, não basta o ensino da escrita. Nem o simples acesso aos textos em atividades de fruição. Nem visitas programadas à biblioteca da

escola. Nem a animação da leitura, por mais prazerosas que possam ser as atividades que motivam e incentivam a leitura. Tudo isso conta, é verdade, mas não é suficiente. É preciso ir além e promover uma aprendizagem sistematizada e sistemática da leitura literária pela qual se potencializa e diversifica o letramento literário (Cosson, 2014).

E o que de fato estamos falando quando citamos sobre o letramento literário? Consideramos, assim como Cosson, o processo de escolarização da Literatura, ou seja, é a prática de ensinar, efetivar e assegurar o conhecimento, o uso e a fruição da Literatura na escola. Apoiando-se nisso, constatamos que, para fluidez do processo de letramento literário, é necessário que exista uma metodologia em que os estágios progressivos da aprendizagem não sejam interrompidos, mas compreendidos e respeitados pelo mediador que, neste caso, é o professor. A respeito disso, Cosson (2014) apresenta alguns princípios para realizar a aprendizagem literária que consideram em ordem: a leitura individual dialogando com a obra literária e que, conseqüentemente e em completude, avança para a leitura em diálogo com os outros indivíduos, alcançando, posteriormente, a crítica e outros textos.

A metodologia do letramento literário está fundamentada entre a estima e a função da Literatura, na concepção e na didatização da leitura. No núcleo dessa teoria, idealizamos que o letramento é um meio de percorrer nas entrelinhas, captar as nuances de significados, identificar as simbologias, refletir e reagir ao que foi lido. O módulo de didatização é predominantemente conduzido pelo professor e deve garantir discussões significativas, de modo que promova a partilha de textos literários e suas respectivas oralizações e interpretações, à luz disso, é preciso considerar unir as contribuições coletivas para edificação do texto literário.

Cosson (2014) indica a organização de uma sequência didática visando a prática como ensinamento – a técnica da oficina – que permite dividir a função ativa com o aluno, para isso, o espaço é modulado pelo trabalho colaborativo e os alunos devem ser estimulados a expressar opiniões, a iniciar questionamentos e críticas e explorar diferentes dimensões do texto. Dessa maneira, agindo o professor como um mediador – técnica do andaime – deve possibilitar que o aluno seja autônomo no desenvolvimento de suas funções, fornecendo a esse o suporte para que desenvolva suas próprias compreensões progressivamente. Além disso, sobre a formação do leitor literário, Paulino (1998, p. 56) destaca que “significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie as construções e significados verbais de cunho artístico, que faça disso parte dos seus prazeres e fazeres”.

Percebemos que, a partir das escolhas de interesse e das necessidades do leitor, as obras que lhes serão atribuídas evocarão emoções e mensagens por meio dos sentidos que ele empregar. Isso implica afirmar que a leitura do texto literário não deve ser tida como uma atividade ríspida, mas que ainda assim, do mesmo modo em que despoja sobre ela o prazer,

exista o desconforto diante de situações conflituosas que são também necessárias para a formação leitora, pessoal e social do indivíduo. É preciso, portanto, de cautela ao projetar metodologicamente caminhos e estruturas para inserir a legitimação da didatização da Literatura, Magda Soares defende a possibilidade de fazê-la adequadamente:

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal do leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (Soares 2006, p. 47).

Entendemos como necessário, para analisar, encaminhar e indicar algum viés metodológico, refletir sobre esses princípios teóricos norteadores. Nesta pesquisa, assumimos, para a avaliação, as perspectivas expostas por Cosson (2014), a respeito do letramento literário, e por Hans R. Jauss (1979), acerca da compreensão literária, ambas em integralidade com outros textos destinados a potencializar a leitura literária no ambiente escolar em paralelo às potencialidades sociais e culturais e às subjetividades dos alunos, que são os protagonistas desse processo.

3.2 Conhecendo as propostas

O nosso primeiro objeto de análise, como previamente indicado, trata-se da dissertação *“O Poetry Slam e a formação do leitor no Ensino Fundamental II: democratizando a leitura e a poesia a partir da composição de uma comunidade de Slam na escola”*, de Dalyene A. L. Portela, em que o objetivo central é investigar a contribuição do *Poetry Slam* para formação de leitores, bem como a democratização da poesia, considerando para isso o movimento como uma prática social. Para conclusão dessa pesquisa foram entrevistados alguns professores da área de linguagem e que estão vinculados ao ensino, discorreremos também sobre essas participações, porém, nosso objeto de análise será o produto final que foi desenvolvido: o caderno pedagógico.

Portela distribuiu a pesquisa em quatro seções, as duas primeiras voltadas às teorias e aos fundamentos das ideias adotadas, enquanto a terceira cuidou do mapeamento do percurso metodológico para elaboração do que resultou no produto final. Por fim, a última seção é responsável por apresentar o que a autora chama de “Produto educacional”. São a respeito desses últimos tópicos que os nossos apontamentos seguirão.

Ao iniciar a caracterização da pesquisa, a autora afirma que existiu a preocupação de examinar meios que pudessem efetivar a formação de leitores e a inquietação no modo em que, cotidianamente e – em casos — despercebidamente, ignoramos os gestos, as falas e as expressões dos alunos, assim como o espaço em que estamos inseridos. Essa ignorância involuntária, de acordo com a autora, pode gerar a falta de interpretação, de compreensão e a tentativa impercebida de silenciar a voz desse sujeito em formação. Visto isso, apostou-se no *Poetry Slam* como estratégia para possibilitar ler e ouvir as interpretações, avançando com o letramento e a formação do jovem leitor, propuseram então um caderno nomeado como “*Slam na escola: espaços de fala e formação de leitores*” com a intenção de alcançar os mediadores do processo.

O nosso segundo objeto de análise é a tese “*Cultura de rua e o Slam Interescolar: a literatura periférica na escola*”, de Nayane O. Ferreira, a qual mantém a atenção no movimento de *Poetry Slam* que já está inserido dentro das escolas – o interescolar – objetivando valorizar a cultura juvenil nesse espaço. A autora utilizou para a produção da pesquisa o *Slam Interescolar SP* e o *Slam Interescolar JF*, contando com dezoito (18) alunos participantes, cinco (5) professores, quatro (4) poetas-formadores e um (1) poeta que foi o organizador e idealizador. Ferreira propõe encontrar, a partir do movimento, as respostas para as seguintes questões: De que maneira o *Slam* pode contribuir para a valorização da cultura juvenil na escola? Em que medida o *Slam* representa a identidade do aluno jovem? Como os alunos percebem a recepção da escola quanto à prática do *Slam*? Como a escola lida com a prática do *Slam* no espaço escolar? O que diferencia, segundo os alunos, os textos produzidos rotineiramente na escola dos textos nas batalhas de poesia?

Levando em consideração que as primeiras interrogações já foram discutidas em nossa pesquisa, focalizaremos nos três últimos questionamentos, os quais refletem a recepção da prática de leitura literária sob os ideais do *Poetry Slam*. A autora divide a pesquisa em quatro seções, nas duas primeiras temos a discussão do movimento, da interdisciplinaridade com a cultura e do ensino, em sequência, nas últimas seções, nos é revelado as etapas da pesquisa e os resultados da recepção. Esses também integrarão a análise do produto. Iniciaremos o nosso processo investigatório, seguindo a ordem em que foram apresentadas as pesquisas.

3.3 Os produtos: construindo e recebendo a prática

Diante das discussões e dos apontamentos teóricos tecidos, levantamos a hipótese de que o ensino de Literatura, como vimos, embora mencionado e direcionado pelos documentos

oficiais da Educação, apresenta ainda descompassos e condições para sua efetivação. Por mais que sejam estabelecidos parâmetros de abordagens multifacetadas, interdisciplinares, constituintes de diversidades temáticas e estéticas, há um apagamento de práticas que, socialmente e culturalmente, não são consideradas propostas apropriadas ao contexto escolar. Nesse sentido, existe o impasse do que é ou não Literatura e o visto como literário, geralmente, está interligado ao valor que produz, pois como afirma Abreu (2006, p.39) “tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais”.

Pensando nisso, iremos dispor sobre as pesquisas um olhar sociointeracionista, que convirja os padrões majoritários da escola, mas que dialogue com a expectativa idealizada para a prática de leitura literária nesse espaço. Para delimitar e ilustrar o nosso recorte de investigação, optamos pela utilização de quadros que manterão filtrados e em destaques alguns dos pontos essenciais.

Quadro 1: O processo da dissertação “*O Poetry Slam e a formação do leitor no Ensino Fundamental II: democratizando a leitura e a poesia a partir da composição de uma comunidade de Slam na escola*”

Caracterização da pesquisa	
Tipo	Desenvolvimento
da expectativa da pesquisa	I) Pesquisa com a duração de 1 semestre; II) Realização de oficinas, reuniões e <i>Slam</i> ; Transcrições das observações; III) Análise da participação dos sujeitos; IV) Proposta de <i>Slam</i>
da prática	Caderno pedagógico.

Elaborado pela autora por fontes do Google Acadêmico e do Repositório Institucional (RI) – IFES

O quadro 1 apresenta dois enfoques – da expectativa e da prática – pois, apesar da não efetivação do primeiro, a construção do segundo considerou os levantamentos feitos anteriormente. A pesquisa entrou em desenvolvimento durante o período pandêmico, inviabilizando a realização do planejamento exibido na linha 1. Porém, a tentativa de conceder a aquisição da prática do *Poetry Slam* na escola foi mantida através do que mostra a linha 2 e que veremos mais detalhadamente em seguida.

O material resultado é uma proposta didática a partir do *Slam* em formato de e-book⁹ com o público alvo inicial sendo o nono ano, evidenciamos desde já que é possível e proveitoso a extensão desse trabalho ao Ensino Médio e aos outros níveis referentes ao Fundamental II, visto a facilidade para adaptações. A intenção sobreposta é fornecer aos alunos autonomia literária e cultural, bem como o estímulo da criticidade e da expressividade o que, de acordo com as discussões anteriores, favorece o letramento literário tratando de uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e de interpretações, simbolizando nas palavras – mas não somente por elas – nós e o nosso mundo (Cosson, 2020, p. 177).

Seguindo com a investigação da prática desenvolvida, o quadro a seguir contém as principais atividades sugeridas na sequência didática do caderno pedagógico.

Quadro 2: O percurso sequencial do caderno pedagógico

Caracterização do produto				
Seções	Etapas			
Seção 1 - O direito à Literatura	I) Introdução do projeto		II) Levantamento dos conhecimentos prévios sobre a poesia	
Seção 2 - A vez e a voz	I) Quem pode ser poeta? – Conhecendo o <i>Poetry Slam</i>	II) Elementos de composição poética	III) Prática: Oficina de oralização de poemas feitos por <i>slammers</i>	IV) Prática: Oficina de performance
Seção 3 - <i>Poetry Slam</i> : Agora do agora	I) Organização do <i>Poetry Slam</i> na escola		II) Realização da competição	

Elaborado pela autora por fontes do Google Acadêmico e do Repositório Institucional (RI) – IFES

Ao observar o quadro 2, percebe-se a estrutura definida do produto, dividido em seções e em etapas que são distintas por seção. Cada seção possui um tema específico e são as etapas que a qualificam. Antes de nos ater em cada uma delas, de modo geral, as atividades estão

⁹ Acesso:

https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1274/PRODUTO_EDUCACIONAL_Slam_Escola_Espacos_Fala.pdf?sequence=2&isAllowed=y

expostas ao desenvolvimento individual ansiando um progresso de impacto coletivo, com a preservação do reconhecimento do potencial de contribuição de cada sujeito para significação do todo. Precisamos pontuar que, ao tratar do letramento literário, não fazemos referência à simples leitura da obra, por esse motivo, é necessária uma sistematização “para se trabalhar a leitura na escola, compreendendo que todo processo educativo precisa ser organizado para atingir seus objetivos” (Cosson, 2014, p. 13).

Com base nisso, tomaremos como organização fundamental a estratégia desenvolvida por Cosson (2014), a qual leva em consideração, para além da mera leitura, o domínio da linguagem junto ao entendimento do contexto social e à expansão do posicionamento do leitor diante de si, do outro e do espaço em que está inserido. Estamos nos referindo à Sequência Expandida, cujo os elementos de composição – a motivação, a introdução, a leitura, a primeira interpretação, a contextualização, a segunda interpretação e a expansão – serão identificados no decorrer do detalhamento das etapas.

Na primeira seção – O direito à Literatura – são duas etapas destinadas a despertar o interesse dos alunos pela prática literária, pelo tema e estimulá-los a participarem do projeto. Com isso, a autora afirma que objetivou “despertar nos alunos certo entusiasmo [...] sem abordagens teóricas nem desprezo por essas” (Portela, 2021, p.84). A motivação, segundo a sequência apresentada por Cosson, é a etapa inicial do processo e introduz os alunos ao primeiro contato com universo que será lido. Essa etapa pode ser conduzida por uma música, um vídeo, fotografias, outro texto ou vários conjuntos que dinamizam e atraem ao objetivo. No caso em análise, na etapa I, a autora optou motivar os alunos pelo que chamou de “convite enigmático”, trata-se da convocação dos alunos ao espaço da biblioteca e uma apresentação do *Poetry Slam*.

Ao visualizar a etapa II, ainda na seção primeira, constatamos a continuidade da proposta com a introdução, nessa é realizada a apresentação do autor, da obra e de aspectos importantes que implicam a fluidez, inclusive, com a verificação dos repertórios dos alunos. A autora sugere que, após certificar-se dos conhecimentos dos alunos sobre poemas e sobre a poesia, os alunos pesquisem por definições desses temas que foram expostas por poetas e, em seguida, sob monitoria, ressignifiquem uma definição para a poesia a partir da experiência individual. Nesse momento, coloca-se em prática a ressonância da fala de propriedade, ou seja, os sujeitos que ocupam determinados espaços e que estão em remissão a determinadas manifestações – os poetas –, conseguem deter e expressar esses meios – o poema e a poesia – de maneira inigualável, pois como afirma Djamila Ribeiro “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. Esse já é um dos elementos que, posteriormente, encontrarão no *Poetry Slam*.

Em prosseguimento, temos a seção dois (2) – A vez e a voz –, na qual teremos o maior procedimento da proposta, nela encontraremos a leitura, a primeira interpretação e a contextualização da sequência colocada por Cosson. Antes disso, é possível notar uma continuidade da seção anterior, ainda mantendo questões abertas em discurso sempre com a ideia de introduzir o *Slam*, esse é o caso da etapa I, discorrendo ainda sobre a leitura de diversos vídeos conteudistas do *Slam*, vislumbrando a estética, a poética e os tipos. Na etapa II, os alunos analisarão os sentidos das performances em concordância com o repertório linguístico e com as temáticas compartilhando suas sensações, interpretações e impressões quanto às escolhas de construção.

As etapas III e IV são sinônimos de oficinas em que encontramos a prática de leitura literária efetiva, onde o leitor não é somente o agente passivo e receptivo da dinâmica. Essa atividade de compartilhar as experiências e as compreensões iniciais da leitura literária é edificante para construção de um sentido mais completo e confirma, de fato, o encontro da obra com o leitor. Segundo Cosson, essa partilha traz à tona a percepção de que os leitores não estão desconexos e/ou solitários, assim, ganham novos *insights*:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (Cosson, 2014, p.65).

Nesse contexto, a seção terceira – *Poetry Slam: Ágora do agora* –, reúne em sua etapa I a organização e a criação de um *Slam*, nela foram tomadas as decisões sobre o dia e nome do *Poetry Slam*, sobre as premiações e os papéis que cada um exercerá, respondendo a: quem serão os *slammers*? quem estará na sonoplastia? quem será o *slammaster*?¹⁰ como serão definidos os jurados? como serão confeccionados os cartazes de divulgação? Após as escolhas, a última etapa (II) define o dia “D” – dia da batalha. São os alunos em conjunto e em acordo que efetivarão o planejamento e são os mesmos que conduzirão todo o movimento, estimulando o trabalho coletivo e favorecendo a autonomia.

Por fim, temos acesso às questões e às respostas que contribuíram para a elaboração final do projeto, o quadro abaixo agrupa algumas das respostas obtidas.

Quadro 3: A opinião de possíveis mediadores

¹⁰ Pessoa que organiza os Slams: analisa o melhor local, o dia, a hora, conversa com apoiadores e reúne estratégias para atrair participantes. Além de ser o “mestre de cerimônia”, ou seja, irá conduzir a batalha de poesias.

Validação do produto				
Perguntas	Respostas			
Você considera a proposta interessante e viável de ser aplicada em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental?	B - Sim, é uma proposta exequível e bem elaborada, inclusive, o trabalho pode ser estendido para turmas de Ensino Médio pois potencializa a problematização da materialidade que envolve nossas escolas	F - Sim, houve um momento na escola X em que teve e os alunos do 6º ao 3º ano do Ensino Médio participaram sem ter nenhum vínculo com nota, ou seja, eles decidiram participar porque queriam	I - Sim, a proposta é interessante pois traz a possibilidade de um conhecimento maior e mais aprimorado do <i>Poetry Slam</i> , além de trabalhar a escrita e a oralidade	H - Sim, perfeitamente aplicável. Poderia até mesmo ser adaptada para turmas de Ensino Médio. É uma proposta rica, dinâmica e atrativa para o público adolescente e jovem
A proposta de trabalho com o <i>Slam</i> apresentada pode contribuir, em sua opinião, para aproximar os alunos da poesia e para a sua formação leitora?	D - Concordo, até porque a poesia falada é a voz da periferia. Os alunos se veem representados em muitos dos poemas e quando nos vemos representados nos textos a literatura faz muito mais sentido e, conseqüentemente, nos tornamos melhores em vários aspectos	A - Sim. Com certeza o trabalho com o slam aproxima os alunos da poesia. Os alunos se interessam mais em conhecer a "poesia tradicional" e buscam as relações entre elas e suas produções. Eles começam a achar "possível" escrever também	F - Sim, primeiro porque na sequência didática há vários momentos em que os alunos estão na biblioteca, segundo porque os slammers trazem referências não apenas das questões sociais como de livros. Além disso, ao escrever os poemas os alunos estão também lendo e ouvindo tanto os seus próprios poemas quanto os dos colegas	
Você concorda com nosso ponto de vista de que o <i>Poetry Slam</i> , envolvendo a literatura, pode contribuir na formação humana dos alunos?	K - Claro! A prática do <i>Slam</i> requer respeito pela fala do outro, estimula a oralidade e faz com que o aluno dedique mais atenção à elaboração de seu próprio discurso	E - Sim. Por sugerir que os alunos observem na sociedade o que os incomoda, eles passam a enxergar determinadas situações que às vezes passavam despercebidas aos olhos deles, oferecer textos	J - Com certeza, pois vê o aluno como sujeito, além de dar voz e vez para ele a partir de uma prática social.	J - Com certeza, pois vê o aluno como sujeito, além de dar voz e vez para ele a partir de uma prática social.

Validação do produto				
		literários que retratam esses problemas sociais permite que eles vivam as situações retratadas, isso contribui para a sua formação humana.		
Você poderia contribuir sugerindo alguma mudança ou melhoria nas atividades elaboradas? O que você mudaria ou acrescentaria?	B - Creio que a proposta pode apresentar por meio de vídeos também as ações do Coletivo Nísia, da Barra do Jucu / Vila Velha-ES.	C - Introduzir uma caixinha de poemas, talvez além dos poemas mais tradicionais/líricos, pudesse também ter poemas de slammers	G - Que acontecesse um momento das batalhas em lugar público como a praça do bairro onde a escola que trabalho está localizada.	

Elaborado pela autora por fontes do Google Acadêmico e do Repositório Institucional (RI) – IFES

Algumas das sugestões apresentadas no quadro 3 foram acatadas de imediato e introduzidas ao caderno pedagógico, outras ficaram livres e possíveis para serem adicionadas ou modificadas durante as aplicações. A partir desses dados, ressaltamos que o *Poetry Slam* teve cem por cento (100%) de receptividade pelos mediadores e do reconhecimento da contribuição do movimento para a formação de leitores, para a formação social individual e para a prática literária contínua. Visto isso, incitamos olhar com atenção a fala do professor F que, em resposta ao primeiro questionamento, afirma o interesse espontâneo dos alunos ao participarem do movimento. Inferimos, outra vez, que o desejo de praticar a leitura literária e discuti-la não é vazio nos jovens, apenas, como afirma Cosson, sofre com alguma contrariedade:

Há aqueles que desejam muito estudar literatura ou qualquer outra coisa. Todavia, seja por falta de referências culturais ou **pela maneira como a literatura lhes é retratada, ela se torna inacessível**. Para eles, a literatura é um mistério, cuja iniciação está fora de seu alcance (Cosson, 2014, p.10-11, grifo nosso).

Após explanar o projeto e obter a visão mediadora e de planejamento, julgamos necessário, para certificar a eficácia da prática, visualizar a recepção da parte leitora – os alunos – que são os nossos sujeitos principais. Desse modo, detalharemos no quadro a seguir o nosso segundo objeto.

Quadro 4: A recepção da prática de leitura e produção literária a partir do *Poetry Slam* na tese “*Cultura de rua e o Slam Interescolar: a literatura periférica na escola*”

Recepção da prática			
Perguntas	Respostas		
Como você conheceu o <i>Slam</i> ?	D – Conheci por vídeos no Youtube e me aprofundei no assunto na escola	A – Eu já conhecia a poesia, mas foi na minha antiga escola que eu conheci, de fato, o <i>Slam</i> . Me interessei e procurei saber melhor sobre	F – Conheci através do Interescolar que aconteceu na minha escola
Como foi a experiência de participar do <i>Poetry Slam</i> ?	D – A experiência é incrível, desde o processo de criação até a apresentação, sempre é muito bom escrever novas poesias e interagir com professores e poetas	A – Foi único! Nunca vou me esquecer da sensação que eu senti ao participar do <i>Slam</i> Interescolar. Foi um marco gigante na minha vida e um aprendizado fundamental em que eu me orgulho muito. Foi muito além do prêmio ou algo assim, o fato da gente passar a visão sobre os assuntos reais é o que torna único e tão essencial	F – Simplesmente incrível, me ajudou a lidar com a minha timidez
Houve algum conflito na escola com a realização do <i>Poetry Slam</i> ?	D – Não, a poesia deixa uma atmosfera tão leve e amigável que você vira amigo de pessoas que você nunca viu antes, a consciência de não competir pelo primeiro lugar e sim competir pela poesia	A – Na verdade, os alunos foram muito acolhedores, foi difícil ver alguns alunos que não apresentava interesse sobre o assunto	F – Não, foi bem tranquilo, os alunos escreveram suas poesias com sua visão do mundo e ganhou a melhor performance
Você acredita que todos os alunos receberam bem a proposta?	D – Em minha percepção sim, alguns no começo ficaram muito perdidos e tímidos por ser uma coisa nova, porém, na primeira reunião que fizemos todos já compreenderam o significado e a importância do <i>Slam</i>	A – Sim, os alunos se mostraram muito dispostos a participar e foi muito interessante para a escola toda, além de mostrar um lado da poesia que muita gente não conhece, o <i>Slam</i> é uma forma de dar visibilidade às lutas	F – Eu acho que sim, com o <i>Slam</i> um outro mundo, descobri que poesia não é só as clássicas do livro didático
Você gostou de escrever?	D – Sim, sempre escrevi meus livros, porém, com temas mais fictícios, nunca gostei de escrever sobre a realidade, pois achava ela de certa forma deprimente, mas depois do <i>Slam</i> isso mudou em	A – Sim, mas muita coisa mudou quando eu conheci o <i>Slam</i>	F – Na verdade, eu não escrevia nada. Quando o professor pediu para todos escreverem, eu percebi esse meu “talento”

Recepção da prática			
	mim e comecei a enxergar o meu cotidiano de outra forma		

Elaborado pela autora por fonte do Google Acadêmico e do Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE) — Uninove

O quadro 4 nos apresenta as entrevistas de três “alunos-poetas”, como intitula-os a autora, resultado da aplicação de um projeto do *Poetry Slam* Interescolar e a partir das respostas obtidas, faremos notas considerando o *método recepcional*. Aguiar e Bordini (1993) afirmam que a recepção do texto inicia antes mesmo da leitura, do contato direto entre o leitor e a obra, pois existe no sujeito um *horizonte* que o limita. O horizonte é formado pela junção das experiências e referências de mundo que o leitor possui e que insere na leitura do texto literário. Durante a leitura, o leitor vai realizar a movimentação dos espaços – vazios – com a intenção de preencher o seu *horizonte de expectativa*.

Assim, primeiramente, o método dispõe a determinação do horizonte, ou seja, o professor-mediador deve acompanhar os interesses e os valores pelos quais prezam os alunos. Em seguida, espera-se que seja atendida as preferências e apresentada aos alunos obras que os satisfaçam. Somente depois de atender ao que se esperava, há o rompimento com a expectativa do leitor e é aberto espaço para que os alunos comparem as vivências e estabeleçam a ampliação do horizonte com apontamentos críticos.

Quando o leitor é exposto ao *método recepcional*, é possível identificar alguns elementos específicos: a receptividade, a concretização, a ruptura, o questionamento e a assimilação. Durante as respostas, é possível notar o eco desses recursos e enfatizar a extensão do horizonte em que o aluno consegue perceber que é agente ativo do processo de leitura e que tem o poder de determinar a continuidade partindo de ideais socioculturais. Sobre isso, acrescenta Aguiar e Bordini:

Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como vêm seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada. (Aguiar e Bordini, 1993, p.90-91).

Contudo, sim, o leitor precisa ser seduzido pela obra e não, não é impossível conquistá-lo. Todos os relatos das entrevistas intensificam que é viável conhecer o contexto para conceder as condições reais para formação do leitor literário. Os entrevistados D e A demonstram que

possuíam a afinidade com a leitura literária de poesias, porém, a entrevistada F reflete a parcela de alunos/jovens que, embora não estejam inseridos nessa prática, podem ser motivados e atraídos a ela. Dessa maneira, reitera-se a função primordial e indispensável a qual a compreensão dos interesses, da cultura, da subjetividade dos indivíduos exerce para a fluidez do processo de formação do leitor e da contínua e expansiva prática de leitura literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Alfabetizar amorosamente alcança
amadurecimento / aprendiz / acolhido / atingindo
assunção / assumindo autonomia / beabá
bancário, basta! / burocratização baronesa
botando baderna, / bradando: bando bolivariano
/ competências curriculares consultando
comunidades / coparticipando / construindo
conhecimentos críticos com curiosidade / docentes
dispostos / dialogando democraticamente /
dignificando discentes / descrentes dos direitos
disponíveis*

(Emerson Alcalde – *Slam Jazz*)

Na poesia Abecedário da Autonomia, escrita e performada por Emerson Alcalde no *Slam Jazz*, é criticada a abordagem tradicional que usufrui de métodos mecanizados e não cumprem com a função emancipadora, a qual a Educação deve exercer, destacando a importância da mediação dos professores e a autonomia dos alunos diante da construção dos conhecimentos. Essa perspectiva foi compreendida e remetida ao longo da nossa pesquisa a partir dos registros teóricos e das discussões estabelecidas em curso. Pudemos agrupar justificativas, caminhos metodológicos e pontos de vistas práticos da utilização do *Poetry Slam* na escola que certificaram o bom aproveitamento do movimento como didática formadora em aspectos sociais, culturais e educacionais.

De forma geral, buscamos contribuir com a visibilidade e a validação de propostas que inserem a prática de *Slam* como parte da prática de leitura e escrita literária, considerando as vivências particulares dos sujeitos e enriquecendo a cultura juvenil. Reportamos que é necessário que existam novas propostas para o ensino, mas que urge de maior necessidade que haja a aplicação dessas propostas. Visto isso, identificando projetos didáticos ativos, com fundamentos sociointeracionistas, expansivos, libertários e autônomos, decidimos por incentivar o efetivo uso desses. Com isso, após as pesquisas centrais a respeito do tema,

selecionamos trabalhos pré-existentes para cooperar com o estímulo do *Poetry Slam* nas escolas.

De modo específico, conseguimos constatar que a Literatura lírica, desde o princípio da humanidade, está relacionada ao desenvolvimento social e individual do ser e que, embora tenha enfrentado desafios quanto a metodologia escolar, é um meio eficaz de favorecer a aproximação do aluno à Literatura, de proporcionar o letramento literário e de elucidar o aluno quanto às possíveis posições que pode ocupar. Ressaltamos que, no *Poetry Slam*, esse processo de entendimento do jovem de que pode – e deve – manifestar sua posição o faz interpretar o mundo e suas experiências através da escrita da poesia, mas não se limitando a ela, por isso, dão vida aos versos performando-os.

Delineamos que a BNCC prevê a importância do trabalho com a Literatura por reconhecer a indispensabilidade da ação social que essa carrega. Ou seja, além de toda conjunção linguística, poética-literária e estética, o foco se dá pela conexão sociocultural que a leitura literária produz de forma significativa. A leitura literária está em concordância com o processo de autoconhecimento e de partilha daquilo que o leitor carrega com o que a obra e o mundo real entregam, favorecendo o enriquecimento do senso crítico.

Pontuamos certamente que o *Poetry Slam* é uma ferramenta que dá voz e protagonismo aos jovens promovendo uma prática de leitura literária que, além de atender as demandas prescritas nas propostas programáticas para o ensino de Literatura que estão previstas pela BNCC, eleva, culturalmente e socialmente, o papel do jovem nesse processo. Nele a subjetividade do indivíduo não é ignorada, é incorporada e principia a formação, pois a Literatura mantém relação intrínseca com as bagagens de experiências individuais. E afinal, o que há da obra sem um leitor? Qual seria a intenção dela, se não o alcançar e expandi-lo?

Dentro do detalhamento da construção do movimento literário do *Slam*, optamos em desenhar a performance, a interatividade, a memória, o texto, os estilos e os agentes que o compõem de forma dispersa para garantir que todos os elementos pudessem ser encontrados em todas as partes da discussão. Enfatizamos a importância da expressividade corporal e da vocalização para a interpretação e o impacto da obra, assim como o *feedback* que estabelece a modulação e a completude do texto literário. Apostamos que esse é um percurso que acompanha a cultura juvenil e os interesses literários atuais, embora a performance e a oralização do texto não sejam novidade.

Apesar das autoras dos projetos pedagógicos observados não explicitarem sobre a utilização da *sequência expandida* e/ou do *método recepcional*, vinculamos a esses a análise para melhor visualizar o processo de planejamento didático e a recepção do mesmo. Verificando

a partir disso a ativa e eficaz prática da leitura literária pelo *Poetry Slam*, instigando os jovens a não só lerem e aceitarem a obra, mas a interrogá-la, retificá-la, redefini-la e/ou acrescentá-la. Dessa maneira, pudemos responder instantaneamente os questionamentos levantados no início deste trabalho: Sim, os alunos leem Literatura, escrevem Literatura e apropriam-se dela. Não usaremos, portanto, de juízo as escolhas literárias feitas, pois uma obra literária sempre será emancipadora, se bem mediada e se bem explorada.

Por fim, acrescentamos que entendemos por Literatura toda, simples ou complexa, manifestação artística, escrita ou oral, que narra histórias, temas, ideias, emoções, sensações, realidades, utilizando de recursos diversos, para alcançar alguém e, através da sua construção, inspirar, educar e provocar reflexão e mudança. Então, nessa defesa e como mediadores do ensino, finalizamos esta pesquisa monográfica acreditando que as práticas de leitura que assim atuam não permanecerão desconectadas da formação leitora e social e cultural, concedendo aos jovens a condição de explorar o entendimento humano e a complexidade do mundo em que está inserido partindo da sua idealização.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Hélder Pinheiro. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.
- AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: AGUIAR, Vera Teixeira de et al. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- AZEVEDO, Marcella Silva. *Fala sério, adolescente: um estudo sobre consumo, celebridades e representações sociais a partir da obra da escritora Thalita Rebouças*. Rio de Janeiro, 2015. 120 p.
- BLEICHER, José. *Hermenêutica contemporânea*. Tradução de Maria Georgia Segurado. Rio de Janeiro: Edições 70, 1980, p.258.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *A formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.
- BRASIL. Casa Civil. Lei No 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional. Edições Senado Federal. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2005.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- _____. *CONCEIÇÃO EVARISTO – A escrivência serve também para as pessoas pensarem*. Itau Social, 2020. Disponível em <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> . Acesso em: 29 de jul de 2023.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CURTIUS, E, R. *A Literatura européia na Idade Média latina*. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Ucitec, Edusp, 1996.
- D’ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DEL’ISSOLA, R. L. P. *A interação sujeito-linguagem em leitura*. In: MAGALHÃES, I. *As Múltiplas Faces da Linguagem*. Brasília, UNB, 1986. p. 67-85
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 108.
- FERREIRA, Nayane Oliveira. *A Cultura de Rua e o “Slam Interescolar”: A Literatura Periférica na Escola*. 2022. 322 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2022.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GREGORIN FILHO, J. N. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos. 2011

- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KRAYNAK, Joe. SMITH, Marc. *Take the Mic: The Art of Performance Poetry, Slam, and the Spoken Word (A Poetry Speaks Experience)*. Sourcebooks MediaFusion, 2009.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo lugar da memória. In: Letras, n. 36, p. 63-81, 2003.
- MATOS, Gislayne Avelar, SORSY, Inno. O ofício do contador de histórias, perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. - 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 – Especial, p. 31-39. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>. Acesso em: 25 jul 2023.
- PAULINO, Graça. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares*. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).
- PAZ, Octavio. O Arco e a Lira; [Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht] – São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PORTELA, Dalyene Anne Lyrio. *O Poetry Slam e a Formação do Leitor no Ensino Fundamental II: Democratizando a Leitura e a Poesia a Partir da Composição de Uma Comunidade de Slam na Escola*. 2021. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Letras, Vitória, 2021.
- SANTOS, M. A. C. dos. *O Universo Hip-Hop e a Fúria dos Elementos*. 2017. 189 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SisEB São Paulo. *Ler mais que palavras | Maria Valéria Rezende*. Youtube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/C8Zc0RIQSjA>. Acesso em: 19 de jul de 2023.
- SLAM: Voz de levante. Direção: Tatiana Lohmann, Roberta Estrela D'alva. Produção de Marisa Reis. São Paulo: Pagu Pictures, Bretz Filmes, 2017.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2o. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOLÉ, I. *Estratégias de Leitura*. 6ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da Literatura*. São Paulo: Ática, 2001, p. 91.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: livro, leitura, leitor In: BELINKY, Tatiana et al (org). *A produção cultural para criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.